

Fernando Cabral Martins (1950) foi Professor na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, onde ensinou Literatura e Cultura Portuguesa. Preparou diversas edições anotadas e comentadas de Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros, Alexandre O'Neill e Luiza Neto Jorge. Coordenou um *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, em 2008. Publicou em 1990 uma antologia dos poetas simbolistas, e livros ensaísticos sobre Cesário Verde, Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa e Mário Cesariny, para além de *O Trabalho das Imagens* (2000). Co-traduziu a poesia de Boris Vian (1997) e uma antologia dos trovadores provençais (2014). Além de ensaísta, é também autor de livros de ficção. Destaca-se, neste domínio, *A Flor Fatal* (Assírio & Alvim, 2009). Em 2021, publicou na editora Barco Bêbado, com desenhos de Carlos Guerreiro, o ensaio *Cinzareia*, dado à estampa por ocasião do centenário do nascimento de Carlos de Oliveira (1921-1981).



**DIGA
33**

POESIA NO TEATRO
PROGRAMA ELABORADO POR
HENRIQUE FIALHO

17 OUT 2023

**CARLOS DE
OLIVEIRA**
por
**FERNANDO
CABRAL
MARTINS**

Carlos de Oliveira (Belém do Pará, Brasil, 1921 - Lisboa, 1981), filho de portugueses emigrados, veio para Portugal com dois anos de idade. A família instalou-se na Gândara, concelho de Cantanhede, paisagem que encontraremos em muita da poesia e ficção do autor. Mudado para Coimbra, onde se formou em Ciências Histórico-Filosóficas com a tese *Contribuição para uma estética neo-realista*, aí se estreou em livro com o poemário *Turismo* (1942), integrado na colecção Novo Cancioneiro. Poeta, cronista, crítico, tradutor, ficcionista, publicou o romance *Casa na Duna* em 1943. Trabalhou directamente com Fernando Namora e Fernando Lopes Graça, mudando-se definitivamente para Lisboa em 1948. Antes de se dedicar exclusivamente à literatura, foi ainda professor, arquivista num jornal e director da revista *Vértice*. Com José Gomes Ferreira organizou os *Contos Tradicionais Portugueses*, posteriormente adaptados ao cinema por João César Monteiro. O romance *Uma Abelha na Chuva* foi filmado por Fernando Lopes em 1972 e *Alcateia* (1944) esteve na origem de *A Hora dos Lobos*, de Maria João Luís. Faleceu a 1 de Julho de 1981, tendo sido agraciado a título póstumo com o grau de Grande-Oficial da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada.



CANTIGA DO ÓDIO

O amor de guardar ódios
agrada ao meu coração,
se o ódio guardar o amor
de servir a servidão.
Há-de sentir o meu ódio
quem o meu ódio mereça:
ó vida, cega-me os olhos
se não cumprir a promessa.
E venha a morte depois
fria como a luz dos astros:
que nos importa morrer
se não morrermos de rastros?

Carlos de Oliveira, in *Mãe Pobre*, 1945.

FÓSSIL

A pedra
abriu
no flanco sombrio
o túmulo
e o céu
duma estrela-do-mar
para poder sonhar
a espuma
o vento
e me lembrar agora
que na pedra mais breve
do poema
a estrela
serei eu.

Carlos de Oliveira, in *Cantata*, 1960.

REBANHO

Poeira que o granito
desprende na sua
respiração difícil: prata
sem consistência, faz
pensar num resíduo de estrelas
acumulado pela noite; cor
e peso na leveza da lâ,
cai sobre os animais? ou paira
etérea, estranha
à essência da terra?

A segunda poeira nasce
quando se ouve
o toque trémulo dos cascos contra
o chão; opõe-se
à que poisou nocturnamente
e a pedra agora exala;
resguarda o gado, isola-o,
cada vez mais densa,
dessa ameaça do ar..

Quanto ao pastor,
como pode um detrito
de astros lembrar-se dele?
embora a natureza
de ambos pareça confluir:
mas apenas na intuição
sublunar; tão predisposta
a conceber um só
deserto inicial.

Carlos de Oliveira, in *Pastoral*, 1977.

«A obra de Carlos de Oliveira coloca de forma essencial a questão da referência, da relação directa com o mundo concreto. Nomeadamente, e conforme o vai mostrando em teoria e em acto, enquanto redescrção — ou transformação — do mundo. Mas tudo assenta numa questão de moral: não fugir à luta. A importância desta questão pode talvez ser vista como circunstância, estando relacionada com um tempo concreto. Mas a poesia, como toda a arte, é uma questão de moral. Saber que os outros existem. Não esquecer que a história existe.»

Fernando Cabral Martins, in *Cinzareia*, com desenhos de Carlos Ferreiro, Barco Bêbado, Julho de 2021, s/p.